

Almada

ARQUEOLOGIA | PATRIMÓNIO | HISTÓRIA LOCAL

ISSN 2182-7265

online

IIª série #20 (tomo 1) Jul. 2015



A FAIANÇA DA ANTIGA VILA DO JARMELO (Guarda)

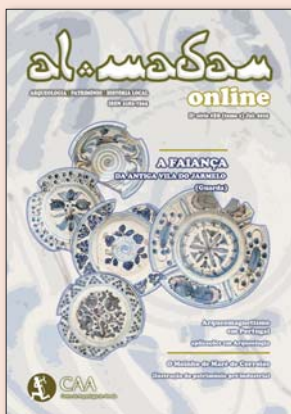
Arqueomagnetismo
em Portugal
aplicações em Arqueologia

O Moinho de Maré de Corroios
ilustração do património pré-industrial



CAA

Centro de Arqueologia de Almada



Capa | Jorge Raposo

Montagem de fotografias de peças em faiança recolhidas no interior do perímetro amuralhado da antiga vila do Jarmelo (Guarda), provavelmente produzidas em Coimbra, entre a segunda metade do século XVII e os inícios do século XVIII.

Fotografias © Tiago Ramos e Vitor Pereira.



II Série, n.º 20, tomo 1, Julho 2015

Propriedade e Edição |

Centro de Arqueologia de Almada,
Apartado 603 EC Pragal,
2801-601 Almada Portugal

Tel. / Fax | 212 766 975

E-mail | secretariado@caa.org.pt

Internet | www.almadan.publ.pt

Registo de imprensa | 108998

ISSN | 2182-7265

Periodicidade | Semestral

Distribuição | <http://lissuu.com/almadan>

Patrocínio | Câmara M. de Almada

Parceria | ArqueoHoje - Conservação e Restauro do Património Monumental, Ld.^a

Apoio | Neóptica, Ld.^a

Director | Jorge Raposo

(director.almadan@gmail.com)

Publicidade | Elisabete Gonçalves

(publicidade.almadan@gmail.com)

Conselho Científico |

Amílcar Guerra, António Nabais,
Luís Raposo, Carlos Marques da Silva
e Carlos Tavares da Silva

Redacção | Vanessa Dias,
Ana Luísa Duarte, Elisabete
Gonçalves e Francisco Silva

Resumos | Jorge Raposo (português),
Luisa Pinho (inglês) e Maria Isabel
dos Santos (francês)

Modelo gráfico, tratamento de imagem
e paginação electrónica | Jorge Raposo

Revisão | Vanessa Dias, Fernanda
Lourenço e Sónia Tchissole

Colaboram neste número |

Rafael Alfenim, Ticiano Alves,
Maria João Ângelo, André Bargão,
Piero Berni, André Carneiro,
António Rafael Carvalho, Ana Cruz,

Mariana Diniz, Sara Ferreira,
José Paulo Francisco, Agnès Genevey,
Rámon Járrega, Sara Leitão,
Ana Marina Lourenço, Vasco Mantas,
Andrea Martins, Vítor Matos,
César Neves, Franklin Pereira,
Vitor Pereira, Xavier Pita,
Eduardo Porfírio, Tiago Ramos,
Sara Henriques dos Reis, Artur J.
Ferreira Rocha, Ana Rosa, Sandra Rosa,

Miguel Serra, Luciana Sianto,
Pedro F. Silva, Rodrigo Banha da Silva
e Ana Vale

Por opção, os conteúdos editoriais da
Al-Madan não seguem o Acordo Ortográfico
de 1990. No entanto, a revista respeita a
vontade dos autores, incluindo nas suas
páginas tanto artigos que partilham a
opção do editor como aqueles que
aplicam o dito Acordo.

Este tomo da *Al-Madan Online* reúne estudos, artigos e textos de opinião de natureza muito distinta. Nos primeiros inclui-se a análise de faianças provavelmente produzidas em Coimbra entre a segunda metade do século XVII e os inícios do século XVIII, entretanto recolhidas no interior do perímetro amuralhado da antiga vila medieval do Jarmelo (Guarda), a par do estudo de um conjunto de pratos decorados em “corda-seca” recuperado na Praça do Comércio e na Ribeira das Naus, em Lisboa, que atesta o uso destas cerâmicas sevillhanas de finais do século XV, primeira metade do século XVI, na convivalidade da corte portuguesa da época. Segue-se uma abordagem às técnicas e tecnologias informáticas disponíveis para a manipulação não invasiva, a restituição e a representação gráfica de cerâmicas arqueológicas, acompanhada de uma reflexão bem diversa, centrada na interpretação sociológica da epigrafia votiva do *municipium Olisiponense*, considerando as diferentes entidades religiosas e os que lhes prestam culto nesta parcela do Império Romano. Os textos de opinião ilustram também uma assinalável diversidade. O primeiro fala-nos da “Arqueologia das Coisas”, também conhecida como “Arqueologia Simétrica”, uma visão pós-processualista do mundo e da transformação social como teia de relações entre seres humanos, mas também entre estes e seres não humanos, e de todos eles com “coisas”. Outro trabalho trata a relação antrópica com o ambiente aquático e apresenta propostas para a definição, interligação e aplicação de conceitos como os de Arqueologia Marítima, Naval, Náutica e Subaquática. Por fim, um terceiro reflecte sobre as condições de consolidação e desenvolvimento do Parque Arqueológico do Vale do Côa, de modo a que este assuma em plenitude o importante papel regional que pode e deve desempenhar. As denominadas arqueociências marcam presença através da apresentação e sustentação teórico-metodológica de projecto de investigação em arqueomagnetismo aplicável na datação absoluta de contextos e materiais arqueológicos.

A temática patrimonial mais alargada está representada por trabalhos de ilustração científica de aspectos técnicos, etnográficos e históricos do Moinho de Maré de Corroios (Seixal), de divulgação da vida de Maria José Viegas e integração da sua obra em couro no contexto da produção artística das mulheres portuguesas, e, ainda, de destaque para a importância local e regional da extinta igreja de N.ª Sr.ª da Consolação, fundada em meados do século XV à entrada do castelo de Alcácer do Sal.

Noticia-se o achado, em Monte do Ulmo (Santa Vitória, Beja), de uma nova estela atribuída à Idade do Bronze, e a aplicação de técnicas de estudo de parasitas em sedimentos associados a enterramentos humanos de necrópole identificada na igreja de S. Julião, em Lisboa.

Por fim, apresentam-se sínteses ou balanços de vários eventos científicos ou de âmbito patrimonial, dedicados ao debate de temáticas ligadas ao Neolítico, à Época Romana e à Antiguidade Tardia, ou à reflexão sobre o papel dos museus, empresas e associações de cidadãos na gestão da Arqueologia e do Património arqueológico.

Como sempre, votos de boa leitura!...

Jorge Raposo

EDITORIAL ...3 ▶

ESTUDOS

A Faiança da Antiga Vila do Jarmelo (Guarda): contributos para o seu conhecimento | Tiago Ramos e Vitor Pereira...6 ▶



De Sevilha para Lisboa: pratos com decoração em “corda-seca” de final dos séculos XV-XVI de dois contextos na Ribeira ocidental | André Bargão, Sara Ferreira e Rodrigo Banha da Silva...21 ▶

ARQUEOLOGIA

Breve Abordagem Acerca da Aplicação das Técnicas Computacionais à Representação da Cerâmica Arqueológica | Ana Rosa e Sandra Rosa...28 ▶



Uma Análise da Epigrafia Votiva de *Olisipo*: contributo para um estudo das interações culturais no *municipium* | Sara Henriques dos Reis...34 ▶

OPINIÃO

A Arqueologia e as Coisas: a disciplina e as correntes pós-humanistas | Ana Vale...41 ▶

Arqueologia Marítima, Naval, Náutica e Subaquática: uma proposta conceitual | Ticiano Alves e Vasco Mantas...50 ▶



Arqueologia, Património e Desenvolvimento Territorial no Vale do Côa | José Paulo Francisco...56 ▶



ARQUEOCIÊNCIAS

Arqueomagnetismo em Portugal: aplicações em Arqueologia | Maria João Ângelo, Agnès Genevey, Rafael Alfenim e Pedro F. Silva...64 ▶

PATRIMÓNIO

O Moinho de Maré de Corroios: ilustração do Património pré-industrial | Xavier Pita...76 ▶



Elementos para a História da Extinta Igreja de Nossa Senhora da Consolação de Alcácer do Sal nos Séculos XV a XVII | António Rafael Carvalho...91 ▶



O Couro Repuxado na Linhagem Feminina: a arte de Maria José Viegas | Franklin Pereira...99 ▶

NOTÍCIAS

Um Novo Achado do Bronze do Sudoeste: a estela do Monte do Ulmo (Santa Vitória, Beja) | Miguel Serra e Eduardo Porfírio...108 ▶



EVENTOS

Colóquio O Neolítico em Portugal, Antes do Horizonte 2020: perspectivas em debate | Mariana Diniz, César Neves e Andrea Martins...112 ▶

Seminário Internacional *Augusta Emerita y la Antigüedad Tardía* | André Carneiro...114 ▶

Congreso *Amphorae ex Hispania*: paisajes de producción y consumo | Ramón Járrega y Piero Berni...116 ▶

I Fórum sobre Museus, Empresas e Associações de Arqueologia: dinâmicas e problemáticas sociais na gestão da Arqueologia em Portugal | Ana Cruz...118 ▶



Estudo Paleoparasitológico de Sedimentos Associados a Enterramentos

Humanos da Necrópole da Igreja de São Julião, Lisboa | Luciana Sianto, Sara Leitão, Vítor Matos, Ana Marina Lourenço e Artur Jorge Ferreira Rocha...110 ▶

Elementos para a História da Extinta Igreja de Nossa Senhora da Consolação de Alcácer do Sal nos séculos XV a XVII

António Rafael Carvalho¹

1. INTRODUÇÃO

Apesar dos importantes contributos que temos ao nosso dispor para o estudo dos imóveis religiosos existentes no município de Alcácer do Sal, ainda subsistem pontos menos claros sobre a evolução de determinados monumentos. A extinta igreja de N.ª Sr.ª da Consolação, localizada no bairro dos Azogues, no sítio e colina das Covas, em Alcácer do Sal, vai ao encontro desta reflexão.

Estamos perante um monumento que foi sede de freguesia no século XVI e que atualmente, por razões que desconhecemos, é usado como casa particular. A somar a tudo isto, pouco ou nada sabemos sobre a sua história.

De facto, existem referências documentais importantes, como as *Visitações* efetuadas pela Ordem de Santiago ao longo do século XVI, ou os livros de batismo, casamento e óbito referentes à freguesia de N.ª Sr.ª da Consolação. Contudo, estamos perante informação em bruto, ainda não sujeita a uma análise historiográfica, o que nos impede de ir um pouco mais além.

Na impossibilidade, por questões de tempo, de efetuar uma análise mais aprofundada, o nosso contributo prende-se com objetivos mais modestos, pelo que deve ser entendido como o olhar possível sobre este imóvel numa perspectiva diacrónica, desde a sua génese até à sua extinção como sede de freguesia em contexto Filipino, em meados do século XVII.

RESUMO

Localizada na parte alta de Alcácer do Sal, à entrada do castelo, a extinta igreja de N.ª Sr.ª da Consolação foi fundada em meados do século XV, como capela privada do Comendador da cidade.

No século XVI foi cedida à Ordem de Santiago, que a escolheu para sede de freguesia com o mesmo nome.

Com o presente contributo, o autor pretende realçar a importância do imóvel. Apesar de ser hoje propriedade privada e estar fechado ao culto, necessita de ser estudado, tendo em conta o contributo que deu para a História de Alcácer do Sal.

PALAVRAS CHAVE: Idade Moderna; Património; Religião; Ordem de Santiago.

ABSTRACT

Located in the upper quarter of Alcácer do Sal, beside the castle entrance, the extinct church of N.ª Sr.ª da Consolação was founded in the middle of the 15th century as a private chapel, owned by the town's Commander. In the 16th century, it was ceded to the Order of Santiago, which chose it to be the headquarters of the parish by the same name.

The author's aim is to stress the importance of the building. Though privately owned and closed to worship, the author believes it needs to be studied due to its important role in the history of Alcácer do Sal.

KEY WORDS: Modern age; Heritage; Religion; Order of Santiago.

RÉSUMÉ

Située dans la partie haute de Alcácer do Sal, à l'entrée du château, la disparue église de Notre Dame de la Consolation a été fondée à la moitié du XVème siècle, comme chapelle privée du Commandeur de la ville.

Au XVIème siècle, elle a été cédée à l'Ordre de Santiago, qui l'a choisie comme siège de la commune sous le même nom. Par la présente contribution,

l'auteur prétend rehausser l'importance du bâtiment.

Bien qu'étant aujourd'hui une propriété privée fermée au culte, il a besoin d'être étudié, considérant la contribution qu'il a eu dans l'Histoire de Alcácer do Sal.

MOTS CLÉS: Période moderne; Patrimoine; Religion; Ordre de Santiago.

¹ Gabinete de Arqueologia, História, Património e Museu do Município de Alcácer do Sal (antonio.carvalho@m-alcacerdosal.pt).

Por opção do autor, o texto segue as regras do Acordo Ortográfico de 1990.



2. LOCALIZAÇÃO E PANORAMA ATUAL

O imóvel que chegou até aos nossos dias encontra-se dessacralizado e transformado em casa de habitação, num processo cujo desenrolar continuamos a desconhecer. Ainda não tivemos acesso ao seu interior. Contudo, pelas informações a que tivemos acesso (e que não podemos confirmar), presumimos, com as devidas ressalvas, que pouco ou nada restará dos apontamentos de arquitectura e iconografia que terão existido neste edifício religioso.

Do lado de fora, o que restou do primitivo edifício resume-se à sua volumetria e à existência de duas portas. Uma delas, a que se encontra voltada a Sul, apresenta uma tipologia Manuelina, em arco de volta perfeita, terminando este num arco apontado com remate. O referido elemento é composto por duas arquivoltas, que repousam em pilastras com capitéis decorados com motivos de folhagens. Na fachada principal, voltada a Poente, em direcção à porta do castelo¹, abre-se outro portal (que seria a porta principal da igreja), apresentando este uma linguagem Renascentista, sendo visíveis duas colunas Toscanas, que transmitem ao visitante mais descuidado a sensação de estar em presença de um imóvel que foi importante em tempos passados.

¹ A antiga porta do castelo denominava-se Porta de Ferro. Na torre que ficava na zona de entrada foi erguida, no decurso da Idade Média, a ermida que recebeu a designação de ermida de N.ª Sr.ª da Porta de Ferro. Por vezes, esta Igreja da Consolação aparece na documentação Espatária como igreja de N.ª Sr.ª da Consolação da Porta de Ferro.

FIG. 1 – Património arquitetónico de Alcácer em meados do século XVI, sinalizado sobre fotografia do Arquivo Fotográfico do Município de Alcácer do Sal. **1.** Igreja de N.ª Sr.ª da Consolação; **2.** Ermida de N.ª Sr.ª da Porta de Ferro; **3.** Ermida de S. João (cemitério de Alcácer do Sal); **4.** Igreja e convento franciscano de Santo António; **5.** Antigo Paço Espatário e Convento das Clarissas de Aracoeli; **6.** Ermida de S. Pedro; **7.** Cais real e Paços do Concelho; **8.** Igreja da Misericórdia.

3. A FUNDAÇÃO DESTA IGREJA: SÉCULO XV OU SÉCULO XVI?

Tem sido pacífico, entre os raros historiadores que se referem a este imóvel, que a sua fundação foi de iniciativa privada, transitando para a jurisdição religiosa da Ordem de Santiago em meados do século XVI, aquando da sua elevação a sede da nova paróquia urbana de Alcácer do Sal, ocorrida no reinado de D. João III.

O registo documental² das várias *Visitações* que a Ordem de Santiago efetuou às igrejas, ermidas e propriedades da Ordem ao longo do século XVI, entre 1512 e 1565³, permite termos uma ideia aproximada do universo religioso existente no termo de Alcácer do Sal ao

² Que se encontra depositado no Arquivo Nacional da Torre do Tombo.
³ Segundo CUNHA (2012: Vol. 2, p. 5), estas *Visitações* encontram-se inseridas num acervo composto por seis códices depositados no Arquivo Nacional da Torre do Tombo, Fundo da Ordem de Santiago / Convento de Palmela.

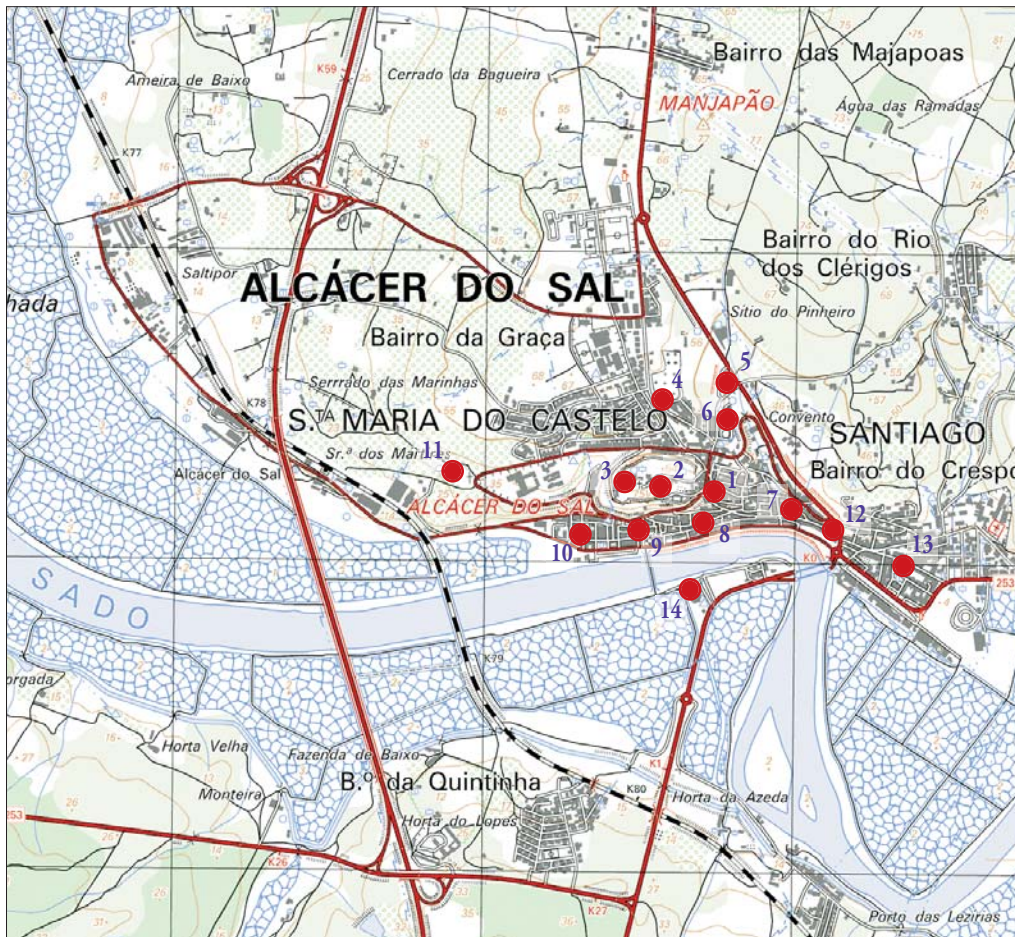


FIG. 1 – Alcácer do Sal (extrato de *Carta dos Serviços Cartográficos do Exército*, folha de Alcácer do Sal, n.º 476, escala 1/25.000, edição de 2006).

1. Igreja de N.ª Sr.ª da Consolação. Ao lado ficavam as ermidas de N.ª Sr.ª da Porta de Ferro e de S. Miguel (demolidas);
2. Igreja de Santa Maria do Castelo;
3. Igreja de Santiago (Paço da Ordem) e Igreja do Convento das Clarissas de Aracoli;
4. Ermida de S. João;
5. Ermida de S. Vicente (demolidas);
6. Igreja e capela das onze mil virgens do Convento Franciscano de Santo António;
7. Igreja de Santiago;
8. Igreja e Hospital da Misericórdia;
9. Igreja e Hospital do Espírito Santo;
10. Ermida de S. Pedro (demolidas);
11. Santuário do Senhor dos Mártires;
12. Ermidas de S. Sebastião e de S. Lázaro (localizações hipotéticas);
13. Ermida de N.ª Sr.ª da Graça;
14. Ermida de Santa Ana (desaparecida).

longo da Modernidade. Com base neste pressuposto, e tendo em conta que esta igreja só foi visitada pelos Espatários na *Visitação* de 1552, a totalidade dos investigadores presume que a sua fundação terá ocorrido em meados do século XVI. É o caso de PEREIRA (2007: 64), na sua monografia sobre Alcácer do Sal na Idade Média, repetindo-o mais tarde em obra sobre o Património Artístico do Município Alcacerense (PEREIRA, 2011: 11), apesar de neste último exemplo o texto sugerir de forma pouco clara uma cronologia mais recuada, mas que ficamos sem saber se é referida a alguma década do século XVI ou se se refere ao século XV.

Do nosso ponto de vista de investigação, a leitura que defende uma fundação para o século XVI só tem sentido tendo em conta a inserção desta igreja na jurisdição Espatária, o que, como é testemunhado na documentação, irá acontecer pouco antes de 1552. De frisar que nem todos os imóveis religiosos existentes em Alcácer do Sal foram objeto de *Visitação* da Ordem. Um facto para o qual não temos explicação reside na omissão da igreja de N.ª Sr.ª do Monte de Vale de Guizo na *Visitação* de 1512⁴, a qual, segundo a nossa investigação, já existia e poderá remontar a meados do século XIII. Contudo, estas omissões aparecem mais claras em *Visitações* mais tardias. A título de exemplo, na *Visitação* de 1564-1565 não é referida a igreja da Santa Casa da Misericórdia de Alcácer do Sal, assim como a igreja do convento franciscano de Santo António de Alcácer do Sal⁵, pelo que temos que equacionar a existência de eventuais imóveis religiosos que não estavam debaixo da jurisdição Espatária e, por isso, não foram

sujeitos a *Visitação*. Parece ser o caso da igreja de N.ª Sr.ª da Consolação, antes de esta ter sido inserida na jurisdição Espatária. Contudo, permanece uma questão. Em que ano foi fundada esta igreja?

Uma pista que poderá clarificar a questão residirá na informação que o padre Luiz Cardoso nos deixou na sua resenha sobre Alcácer do Sal publicada em 1747. Segundo este cronista (CARDOSO, 1747: 138), a igreja de N.ª Sr.ª da Consolação foi fundada por D. Martim Gomes da Parada, comendador da Ordem de Santiago que “...viveu na era de 1420”, instituindo na altura para a sua manutenção “... um grande morgado com quatro Capellães para lhe cantarem Missa quotidiana na mesma igreja, aonde foy sepultado. Forão administradores do Morgado os Castros, ascendentes dos Condes de Mesquitela”. Tendo em conta que este cronista afirma, ao longo do seu texto sobre Alcácer, que leu um conjunto de documentação referente a este imóvel, entretanto desaparecido, nomeadamente o que respeitava à sua elevação a colegiada, sede da freguesia com o mesmo nome, temos que aceitar como válida esta sua informação.

⁴ Com base noutras fontes documentais, verificamos que esta igreja aparece no rol da igrejas existentes no reinado de D. Dinis, na lista que este enviou ao Papa nos inícios do século XIV, presumindo-se que possa remontar a meados do século XIII. Sobre a questão relacionada com as origens desta igreja, ver por todos, CARVALHO, 2013: 59-64.

⁵ Sobre a história deste convento Alcacerense encontra-se no prelo uma abordagem mais atualizada, apresentada no 4.º Encontro de História do Alentejo Litoral. Ver, CARVALHO e WU (no prelo).

Por outro lado, a *Visitação* de 1552 não menciona o nome do fundador desta ermida, referindo unicamente a existência de uma capela denominada de Dom Rodrigo de Castro, que, segundo as *Visitações* da Ordem de Santiago, a “...*jnstituio de çertos beens de mercearias que damtes eram per letra apostolica segumdo a emformaçam que disso se deu ao vysitador*” (CUNHA, 2012: vol. 2, p. 240).

Face ao exposto, podemos deste modo concluir que a igreja foi fundada em meados do século XV, como iniciativa privada de D. Martim Gomes da Parada, sendo oferecida à Ordem de Santiago quase um século depois, já sobre a administração do ramo Castro, pelo que este aparece realçado no âmbito da documentação produzida para o efeito. Sobre esta última questão, podemos ler no texto de uma *Visitação* posterior efetuada em 1560 (CUNHA, 2012: vol. 2, p. 269), sobre a necessidade de se alargar a igreja, já transformada em sede de paróquia: “*Da banda do norte tem huns pardieiros da mesma casa; derrubandose algumas paredes velhas que tem, fica a jgreja desabafada e espaçoso pera adro; da banda do sul tem adro espaçoso; não tem nenhumas casas defronte porque corre huma rua que tem casa pera a banda de baixo e não pera a banda da jgreja que faça pejo;...*” [pelo que concluem dizendo] “... *dando dom Alvaro a*

jgreja, serya escusado fazerse outra jgreja de novo”⁶.

⁶ O negrito é nosso e serve para frisar o que afirmámos anteriormente.

4. A PRIMEIRA REFERÊNCIA DOCUMENTAL

A primeira vistoria da Ordem de Santiago a esta igreja decorre no desenrolar da *Visitação* de 1552, que foi efetuada por D. António Preto, Prior-Mor da Ordem de Santiago, seguindo ordens expressas do rei D. João III (1521-1557), na qualidade de Governador e Perpétuo Administrador da referida Ordem. Esta “*inspeção*” decorreu entre os dias 15 e 26 do mês de outubro do referido ano.

Seguindo a transcrição de CUNHA (2012: vol. 2, p. 238), autor que iremos seguir sistematicamente ao longo deste estudo, a igreja aparece denominada como “... *jrmjda de Nossa Senhora da Consollaçam, sjtuada omde chamam as Covas*”. O seu interior possuía um altar forrado de azulejos e, em cima, tinha um retábulo com dois panos da Flandres, um com a invocação de N.^a Sr.^a da Consolação e o outro com o Apóstolo Santiago, “... *nosso patram, huma jmagem de vulto de pedra de nossa senhora com ho Menjno Jhesus*”.

CUNHA (2012: vol 2, pp. 239-240) acrescenta:

“*Item. Hum tavolojro de tijollo sobre que estaa o dicto altar com dous degraaos; e a capella e o corpo da jgreja mal ladrilhada e mal limpa do poo e das teas d'aranbas.*

Item. Has paredes da dicta capella e jrmjda d'alvanaria bem guarnecidas.



FIG. 3 – Porta lateral da igreja, em estilo Manuelino.

Item. Huma fresta na capella de pedraria com sua vidraça e rede que daa luz neçessarea.

[fol. 112v] *Item. He a capella d'abobeda d'alvanaria com as chaves de represas de pedra de Lixboa.*

Item. Huma alampada de folha de Framdes quadrada.

Item. Ho arco do cruzejro redomdo, de pedraria.

Item. Huma pia d'aguoa bemia metida na parede à emtrada da porta.

Item. Duas frestas grandes d'alvanaria com suas vydraças e redes e grades de ferro.

Item. Ho tejo da dicta jrmjda forado de bordo oytavado com suas perchinas e linhas de ferro, tudo bem tratado.

Item. Huma janella de pedraria ao poente, gramde, com sua grade de ferro a modo de moesteiro de frejras em detrás e huma casa de coro perlomguada.

[fol.] Cxiiij *Item. Ho portado da jrmjda de pedraria redomdo com suas portas de castanho hum pouco gastadas.*

Prata e ornamentos.

Item. Hum calez de prata todo dourado com sua patana, o pee sextavado lavrado a modo de coelheres, o nó do meo redomdo com seus noetes esmaltados e o subvaso lavrado dumas folhas apeguadas que pesa dous marcos e huma omça bem pesados. Tem sua caixa em que se mete.

Item. Outro calez de prata com sua patana, bramco, ho pee e o nó do meo redomdo, cham, que pesa hum marco e três omças.

Item. Outro calez de prata; este nam he da jrmjda porque he de dona Joana, molher que foj de dom Rodrigo de Crasto.

[fol 112v] *Item. Huma vestimenta da çatim cramjsim com savastro de velludo verde framjada de retrós verde e vermelho, forada de bocassym verde, nova, de todo comprjda.*

Item. Outra vestimenta de chamalote bramco com savastro de borcado d'ouro de bacia, velha, de todo comprjda.

Item. Duas toalhas do altar, huma de Framdes e outra de pano da terra, velhas.

Item. Hum frontal de guodomjçj.

Item. Hum mjssal romano, velho.

Item. Duas gualhetas.

Item. Dous castiças de latam, velhos e quebrados.”

No âmbito das Obrigações da Ermida (CUNHA, 2012: vol. 2, p. 240), é mencionada a existência de uma capela denominada de Dom Rodrigo de Castro, que, segundo as *Visitações* da Ordem de Santiago, a “...jnstituiu de çertos beens de mercearias que damtes eram per letra apostolica segumdo a emformaçam que disse se deu ao vysitador”.

A referida capela tinha quatro capelões⁷, que eram obrigados a dizer missa todos os dias e aos sábados de Nossa Senhora, em forma de *requiem* cantado para os defuntos que deixavam bens na capela, as “...quaaes mjssas elles dizem alternatim às somanas.

E a mesma obrjguaçam tem na capella que está sjtuada em Nossa Senhora dos Martyres que se chama a do [fol. 114v] Comendador Moor, que he da mesma obrjguaçam e os quatro capellães sam obrjguados dizer mjssa cotidiana de requjem.

Item. Achou por capellães das dictas capellas a Amdré Cardoso, Pêro Vaaz e Álvaro Fernandez, do abyto de Samctiagu, e Pêro Diaz do abjto de Sam Pedro” (CUNHA, 2012: vol. 2, p. 240).

Em relação aos mantimentos recebidos pelos capelões, ficou apurado que cada um deles tinha de ordenado por ano dois moios e 40 alqueires de trigo macho. Em dinheiro, cada um deles recebia dois mil e duzentos reais. A terminar, o visitador justifica não ter visto as contas e os compromissos desta capela, porque havia demanda ainda pendente entre os morgados.

5. A INSTALAÇÃO DA NOVA FREGUESIA URBANA DE ALCÁCER NA IGREJA DA CONSOLAÇÃO

O século XVI tem-se revelado um período de enorme importância para a História local de Alcácer do Sal. É durante esta centúria que é criada a Santa Casa da Misericórdia, erguem-se dois conventos, cria-se uma nova freguesia e são fundados novos espaços de culto e con-

frarias. Em relação à criação de uma nova paróquia, importa refletir sobre esta questão, dadas as consequências que irá ter em relação à igreja objeto deste contributo.

Nos últimos anos, graças à investigação histórica, sabia-se que a igreja de N.ª Sr.ª da Consolação de Alcácer do Sal tinha sido sede de Paróquia, antes de esta ter passado para a igreja de Santiago. Contudo, continuávamos a desconhecer pormenores desta passagem, do bairro dos Açougues para a ribeira de Alcácer.

A descoberta que temos feito ultimamente de nova documentação referente a Alcácer do Sal, vai permitindo gradualmente responder às questões anteriormente colocadas. Um dos textos em causa encontra-se inserido numa obra escrita por Pereira e Barreto, publicada em 1630. A sua análise, em confronto com os dados provenientes do texto publicado em 1747 pelo padre Luís Cardoso, permite lançar um novo olhar sobre esta questão.

Encontra-se escrito no texto de PEREIRA e BARRETO (1630):

“[fl. 122] *A provisão fol. 185 mostra auer se oferecido para probar, q ao Arcebispo, & não ao Mestre pertence erigir ou desmembrar parochias; porque el Rey Dom Ioão que passou falando com o Provedor, & Irmaão da Miseri [fl. 122V] Misericórdia da Villa de Alcacer do Sal, lhe diz que por a gente ser muita, & não bastar hũa freguesia, tinha pedido, & encomendado a seu irmão o Cardeal Infante Arcebispo de Evora crease, & erigisse em parochia a Ermida de nossa Senhora da Visitação”.*

O referido testemunho refere que o Arcebispo de Évora deu provimento à solicitação régia e criou uma nova freguesia, desmembrando-a da de Santa Maria do Castelo. De seguida, o texto desdobra-se em mais explicações do âmbito da jurisdição canónica, mas não nos fornece o ano em que aconteceram esses factos. Essa informação é, mais uma vez, dada na obra publicada por Cardoso em 1747. Nela encontra-se escrito que a freguesia do “*Patrão Santiago*” tinha estado anteriormente sediada na igreja da Consolação por determinação do Arcebispo de Évora, o Cardeal Infante D. Henrique, segundo alvará passado em 1554.

Sabendo nós, pelo testemunho escrito em 1630, que inicialmente a nova freguesia Alcacerense se denominava de Nossa Senhora da *Visitação*, deduzimos que a sua sede inicial terá estado junto ao rio, na atual igreja da Misericórdia de Alcácer. Face ao exposto, deduzimos que a data de 1554 anteriormente referida respeita à passagem da sede da Ribeira de Alcácer para a zona alta da cidade, instalando-se definitivamente na igreja de N.ª Sr.ª da Consolação, num ato sancionado canonicamente pelo Arcebispo de Évora, o Cardeal Infante D. Henrique, recebendo por essa razão a freguesia uma nova designação, em concordância com a igreja onde agora estava sediada.

Na ata da fundação, consultada no século XVIII pelo padre Luís Cardoso (e que presumimos tenha desaparecido), é por este dito que o referido Arcebispo elevou esta igreja da Consolação em Colegiada, pelo que transformou radicalmente este espaço religioso de iniciativa privada num outro. A definição deste atributo eclesiástico transfor-

⁷ Informação referida por CARDOSO (1747) no século XVIII, como tivemos ocasião de ver anteriormente.

mava o imóvel religioso num espaço solene onde se prestava culto a Deus, semelhante ao que tinha lugar nas catedrais. Para o seu sustento, é referido que, nesse ano, o Prior da igreja recebia da Ordem de Santiago os dízimos de Porches ⁸, que, no testemunho de Cardoso, eram “... hum Aprestimo, ou comendinha...”.

⁸ Esta mesma informação também aparece nas *Visitações* da Ordem de Santiago.

6. A IGREJA NOS FINAIS DO SÉCULO XVI E NO DECURSO DO PERÍODO FILIPINO

Na *Visitação* efetuada em 1560 pelo Mestre Gaspar, prior da igreja de Santa Maria de Setúbal, por especial comissão de El-Rei como governador e Perpétuo Administrador, no índice presente no início do documento, encontra-se a indicação da “*Vizitação da igreja parochial de Nossa Senhora da Consolação que he de D. Álvaro de Castro*”.

No referido documento, na parte referente à *visitação* da igreja parochial de Nossa Senhora do Castelo, é dito que antigamente havia uma “... arquinha das disciplinas da jgreja, [...] e achey per enformação que antigamente, antes d’aver confraria do Santíssimo Sacramento e antes de s’aver feito a nova fregisia da Consolação, avia hum homem deputado com privilegio da Ordem que pedia com arqeta pela jgreja e pela vila pera a fábrica da dita jgreja, da qual esmola que asy tirava e da que se achava na dita arqa das disciplinas se supria poderse fazer esta çera asima declarada e agora [fl. 6] por se fazer nova fregisy, donde se demenuye per meyo as esmolas das desçiplinas e o homem que soya tinar pera a dita fábrica, há annos que nom tira” (CUNHA, 2012: vol. 2, p. 265).

Quanto à igreja da Consolação, que aparecia como parochial na *visitação* anterior, esta é profusamente descrita. Com base na transcrição efetuada por Cunha, ficamos a saber que esta, em 1560, se denominava de igreja parochial. No seu interior encontravam-se depositados os santos óleos e uma pia de batismo. Esta última, esculpida em pedra de jaspe, “*chãa, redonda, estaa sobre huma columna do mesmo jaspe, estaa coberta com huma cobertura de bordo*”, estava no corpo de igreja a um canto da banda do Norte (CUNHA, 2012: vol. 2, p. 268).

A capela-mor da igreja tinha planta quadrada, possuindo um comprimento de quatro varas e meia e, de largo, três e três terças. As paredes eram de “*pedra e cal, bem guarnecidas; da banda do sul huma fresta de pedrarya com sua vidraça*”.

“[...] *O teyto desta capela he d’abobada d’alvenarya, a chave e represas de pedrarya; na chave do meo as armas de dom Álvaro, o solo he ladrilhado; no meo delle a sepultura de dom Rodrigo, pay de dom Álvaro; não tem sãocrestia, da banda do norte tem lugar espaçoso e conveniente pera se poder fazer.*

O alltar desta capela mor he de alvenarya forrado d’azulejos; tem de comprimento duas varas e de vão três terças; estaa sobre hum tavolejro d’alvenarya ladrilhado, sobese a elle por dous degraos, não tem sacrajro nem Sacramento, não tem retavolo, tem huma jmagem de Nosa Senhora, pequena.

Tem hum arqo esta capela, de pedrarya, redondo; tem de altura cinco varas de medir e três de vam; não tem [fol.11] grades. Sayndo desta capela, à mão direjta do cruzeiro, emcostado, estaa hum altar de madeira; tem huma vara, três terças de medir, tem de largo três terças; não tem retavolo; à banda da mão esquerda estaa outro alltar do mesmo teor.

Item. O corpo desta jgreja tem as paredes de pedra e cal bem guarnecidas de dentro e de fora em preto, da banda do sul duas vidraças da banda de fora com sua rede d’arame de guarda; tem de comprimento honze varas e de vão seys, o solo mal ladrilhado; da banda do sul tem hum portal de pedrarya redondo, tem duas varas d’altura, vara e mea de vão, nelle humas portas de bordo com dous postigos bem fechados, o teyto forrado de bordo de novo com duas linhas de ferro em preto; no cabo do corpo desta jgreja pera a banda do ponente estaa huma parede com huma janela com grades de ferro; antre esta parede e outra que vay além dela, estaa hum vão



FIG. 4 – Aspeto atual da igreja, hoje casa de habitação.

que tem as paredes de pedra e cal e o vão he de quatro varas de largo e o comprimento he de cinco porque as paredes do corpo da [fol. 11v] jgreja vão correndo até o cabo; derrubada esta parede onde estaa esta grade de ferro fica este vão de comprimento da jgreja e não se bole com as paredes das jlhargas porque estão já feitas; deste cabo se pode fazer hum coro e huma porta principal e ficar a jgreja em abastança; da banda do norte se pode fazer huma capela pera a pia bautismal por que tem lugar espaçoso e conveniente.

Item. Os sinos desta jgreja estam da banda do levante nas costas da capela principal em hum campanairo de madejra; são dous synos novos, são, de boa grandura; tem huma guarrida nova que ellRey que estaa em gloria deu quando fez nova freguesia .

Item. Da banda do norte tem huns pardieiros da mesma casa; derrubandose algumas paredes velhas que tem, fica a jgreja desabafada e espaçoso pera adro; da banda do sul tem adro espaçoso; não tem nenhumas casas defronte porque corre huma rua que tem casa pera a banda de baixo e não pera a banda da jgreja que faça pejo; desta maneira, dando [fol.12] dom Álvaro a jgreja, serya escusado fazerse outra jgreja de novo.

Esta jgreja tem duas caixinhas de petitorios; huma delas he do Nome de Jesu, he mordomo João do Vale, tem a chave dela; a outra he das disciplinas, tem o prior a chave; atêguora não ouve livro de receita nem despesa. He neçesario prover. Sua Alteza dá çera neçesaria pera todo anno por quanto atêgora se provee mal com muyta falta, porque nom basta esta arqinha das disciplinas pera suprir a dita cera” (CUNHA, 2012: vol. 2, pp. 268-270).

Depois de descrever o inventário das suas alfaias religiosas, diz-se que o prior da igreja era o licenciado António Caldeira, freire de hábito da Ordem de Santiago. Este tinha “d’ordenado em dinheiro cada hum anno, dose myll e quymbentos reaes”, a que se juntava “De trigo em cada hum anno, dous moyos de trigo. E çevada dous moyos e meo. Tem mays, o dito prior, o aprestimo da herdade de Porches” (CUNHA, 2012: vol. 2, p. 271).

A igreja tinha quatro beneficiados, Álvaro Fernandes (do hábito), Gonçalo Mandez (do hábito). Iconimo encontrava-se ausente e, em sua substituição, estava Belchior de Mira, clérigo, Jam Jorge e Álvaro Fernandez, também eles clérigos de São Pedro. “Têm os ditos beneficiados, cada hum, em cada hum anno, d’ordenado em dinheiro, quatro myll reaes. De trigo, cada hum, em cada hum anno, dous moyos. Tem o tizourejro em dinheiro em cada hum anno, três myll reaes. De trigo quarenta alqueires. E vinho três quartos. Emformeyme do dito tizourejro de seu serviço pelo prior e beneficiados; estão muyto contentes de seu serviço e que hé bom homem de boa vida e honesto. [Assinatura:] Mestre Guaspar” (CUNHA, 2012: vol. 2, p. 271).

Segundo PEREIRA (2011: 11), esta igreja aparece referida na Inquirição feita em Alcácer aos Milagres de S. Sebastião, por altura da peste aqui ocorrida em 1569, nos começos de Agosto, em relatório efetuado pelo prior António Caldeira e redigido pelo beneficiado António de Matos.

Em virtude das deliberações do Concílio de Trento, que entra com força de lei em Portugal, vai ser obrigatório o registo dos casamentos, batizados e óbitos. Data de janeiro de 1586 o primeiro registo de casamento conhecido referente à Paróquia da Igreja de N.^a Sr.^a da Consolação. Quanto aos batismos, o mais antigo é datado do dia 20 de junho de 1600.

No reinado de Felipe I de Portugal, é passado Alvará régio referente à criação de um benefício curado na igreja paroquial de N.^a Sr.^a da Consolação de Alcácer do Sal, em Lisboa, em 13 de outubro de 1589. Na mesma data é passado um outro referente a um beneficiário curado para a igreja de Santa Maria do castelo de Alcácer. Quase uma década depois, Felipe I de Portugal passa um Alvará para o Arcebispo de Évora, em que determina que este não tem permissão para visitar as igrejas das ordens, salvo aquelas que visitava anteriormente (RIVARA, 1871: 52).

No reinado de Filipe III de Portugal (1621-1640), Sousa Viterbo menciona que, por volta de 1630, foi passado um Alvará régio onde se afirmava ser conveniente que a igreja de N.^a Sr.^a da Consolação de Alcácer do Sal, como sede de freguesia, tivesse um órgão para celebrar os officios sagrados de modo solene e se fizessem “... com a prefeissão e desencia que conuem ao culto divino... [tendo sido escolhido]... Lourenço Numes morador na dita villa de Alcácer que servirá o cargo de tangedor deste órgão...”. Pelo serviço efetuado, recebia Lourenço Nunes de ordenado anual dez mil reis e um moio (de trigo) à custa das rendas da comenda da vila de Alcácer (VITERBO, 1912: 55).

Contudo, pouco mais de quatro anos passados, em 1634 e por razões que não conseguimos apurar de momento, a sede da paróquia deixa de estar na igreja de N.^a Sr.^a da Consolação, passando para a igreja de Santiago, junto ao rio. Esta mudança também acarreta a mudança do nome da freguesia, perdendo esta a designação de Nossa Senhora da Consolação, ganhando a de freguesia de Santiago. Entretanto, assiste-se a uma modificação nos limites entre as duas freguesias urbanas de Alcácer, passando a igreja de N.^a Sr.^a da Consolação para a jurisdição da matriz Alcacerense de N.^a Sr.^a do Castelo.

Apesar destas vicissitudes, a freguesia de Santiago manter-se-á até 2013, num percurso de 379 anos a contar de 1634, ou de 459 anos se contarmos desde 1554.

A identificação por nós do ano de 1634, reinado de Felipe III de Portugal, como o ano em que a sede de paróquia passa da igreja da Consolação para a igreja de Santiago, só foi possível após a análise que efetuámos aos livros de casamento referentes à paróquia de Santiago. Segundo o livro de Registo de Casamentos efetuados entre o dia 31 de julho de 1622 e o dia 7 de Setembro de 1636, obtivemos os seguintes elementos:

– No fl. 133 encontra-se a última criança alcacerense que foi batizada na igreja Paroquial de N.^a Sr.^a da Consolação. Diz o texto, o qual transcrevemos e atualizámos o português: “Aos 10 dias do mês de... julho de 1634 annos Baptizei nesta igreja de Nossa S.^a da Consolação

hum menino por nome Manuel filho de Manuel Nunes e Joana Carva [...], foi padrinho o B. P. Carneiro e por [ver]dade fiz este firmo; dias, mês e era... [assinatura] P. João Dias”;

– Logo após e por debaixo, na mesma página do fólho, foi escrito que: “Aos 23 dias do mês de julho de mil e seiscentos e trinta e quatro anos em igreja do Apostolo Santiago desta villa de Alcácer Baptizei o [...] Jozé [do] beneficiado na dita villa hum menino por nome Diogo filho de João [...] maltes de alcunha e de sua legitima mulher M[aria] [Fernanda?]... [assinatura ilegível]”.

A fazer fê na data expressa na documentação apresentada, a passagem de sede de paróquia, da igreja da Consolação para a igreja de Santiago, processou-se entre os dias 10 e 23 de julho de 1634. Contudo, a designação de igreja de Santiago como nova Paroquial de Alcácer aparece escrita neste mesmo livro, em fólhos que deixam de ser numerosos, referentes ao registo dos casamentos de finais do mês de agosto desse mesmo ano.

7. A PASSAGEM DA PARÓQUIA PARA A IGREJA DE SANTIAGO

Como frisámos anteriormente, desconhecemos a razão por que a sede paroquial deixou de ser na igreja de N.^a Sr.^a da Consolação e passou para junto do rio, para a igreja de Santiago. Ao procurarmos saber qual teria sido o arcebispo de Évora responsável por essa deliberação, ficámos surpresos por constatar que esse ano de 1634 corresponde a um período de sede vacante, pelo que a deliberação foi tomada pelo cabido, no âmbito administrativo e jurisdicional da Mitra.

Dada a ausência documental, não nos é possível avançar mais na história desta igreja de N.^a Sr.^a da Consolação.

Contudo, esperamos que entretanto apareçam mais documentos que nos possam ajudar a avançar um pouco mais em direção ao presente. 🐾

BIBLIOGRAFIA

FONTES IMPRESSAS

- AAVV (1622-1636) – *Livro de Registo de Casamentos efectuados entre o dia 31 de julho de 1622 e o dia 7 de Setembro de 1636*. Coleção Paroquia de Santiago de Alcácer do Sal. Manuscrito depositado no Arquivo Distrital de Setúbal.
- BARBOSA, Isabel Maria de Carvalho Lago (1998) – “A Ordem de Santiago em Portugal nos Finais da Idade Média (Normativa e Prática)”. *Militarium Ordinum Analecta*. 2: 93-327.
- CARDOSO, P. Luís (1747) – *Dicionário Geográfico*. Lisboa: Régia Oficina Silvana e da Academia Real. Vol. 1.
- CUNHA, Mário Raul de Sousa (2012) – [...] *visitando nós ora pessoalmente o dito meestrado de Santiago [...] As Igrejas da Ordem Militar de Santiago. Arquitectura e materiais*. Dissertação de Doutoramento apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Vols. 1 e 2 (policopiado).
- PEREIRA, Gaspar e BARRETO, Francisco (1630) – *Informação em Direito com que se satisfas per parte das Ordens Militares de Santiago, e S. Bento de Avis, a todas as propostas, e duvidas que contra ellas move o Reverendo Arcebispo d^aEvora: de que Juizes Delegados per Breve Apostolico da Santidade do papa Urbano*. Lisboa: oficina de Iorge Rodriguez.
- RIVARA, Joaquim Heliodoro Cunha (1871) – *Catalogo dos Manuscritos da Bibliotheca Publica Eborensis*. Lisboa: Ed. Imprensa Nacional. “Tomo III que compreende a História”.

ESTUDOS

- CARVALHO, António Rafael (2013) – “De Qasr al-Fath a Alcácer: De Tagr do Califado Muwahhid debaixo da jurisdição / ”iqta” Waziri (1191-1217), a “Marca Espatária” do Reino de Portugal (1217-1242)”. In *Atas do 3 Encontro de História do Alentejo Litoral*, pp. 51-79.
- CARVALHO, António Rafael e WU, Chia-Chin (no prelo) – “Os Jesuítas, o Oceano e o Culto das 11 000 Virgens no Alentejo Litoral e em Taiwan (臺灣): O Caso de Alcácer do Sal e do Naufrágio do Junco de André Feyo no Litoral da Planície de Chianan (嘉南平原) em 1582, a caminho de Nagasaki (長崎県)”. In *Atas do 4º e 5º Encontros de História do Alentejo Litoral* (Sines 2011-2012).
- CASTRO, Armando de (1997) – “O Poder Económico-Social da Ordem de Santiago: séculos XVI a XIX (1834)”. In *As Ordens Militares em Portugal e no Sul da Europa*. Lisboa: Ed. Colibri / Câmara Municipal de Palmela, pp. 119-128 (*Actas do II Encontro sobre Ordens Militares*).
- DÍAZ RODRIGUEZ, António e LÓPEZ-SALAZAR, Ana Isabel (2014) – “El cabildo catedralicio de Évora en la Edad Moderna (1547-1801)”. *Historia y Genealogía*. 4: 31-58.
- LOURO, P. Henrique da Silva (1974) – *Freguesias e Capelas Curadas da Arquidiocese de Évora: séculos XII a XX*. Évora.
- PEREIRA, Maria Teresa Lopes (2007) – *Alcácer do Sal na Idade Média*. Lisboa: Ed. Colibri / Câmara Municipal de Alcácer do Sal.
- PEREIRA, Maria Teresa Lopes (2011) – “Um Olhar Sobre o Património Religioso no Concelho de Alcácer do Sal”. In BORGES, Artur G. de M. (coord.). *Arte Sacra no Concelho de Alcácer do Sal*. Évora: Fundação Eugénio de Almeida.
- POLÓNIA, Amélia (2006) – “A Diocese de Évora em Contextos Pré e Pós-Tridentinos. A actuação pastoral do Cardeal Infante D. Henrique”. *Eborensis*. Ano XIX. 38: 45-65.
- VITERBO, Sousa (1912) – *A Ordem de Santiago e a Música Religiosa nas Igrejas Pertencentes à Mesma Ordem*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra.

almadan online

[\[http://www.almadan.publ.pt\]](http://www.almadan.publ.pt)

[\[http://issuu.com/almadan\]](http://issuu.com/almadan)

uma edição



CAA

Centro de Arqueologia de Almada

[\[http://www.caa.org.pt\]](http://www.caa.org.pt)

[\[http://www.facebook.com\]](http://www.facebook.com)

[\[secretariado@caa.org.pt\]](mailto:secretariado@caa.org.pt)

[212 766 975 | 967 354 861]

[travessa luis teotónio pereira, cova da piedade, almada]